

## **Sistemas agrícolas, questão agrária e fatores decisórios: a trajetória dos agricultores assentados - um estudo de caso.**

*Alexandre Luís Giehl<sup>1</sup>  
Eros Marion Mussoi<sup>2</sup>*

A partir da década de 60, a agricultura brasileira ingressou no processo denominado modernização conservadora ou Revolução Verde, marcado pelo incremento do uso de adubos de síntese industrial, agrotóxicos, maquinários e sementes melhoradas. Esses fatores foram responsáveis pela dependência crescente da agricultura ao setor industrial além de uma descaracterização dos sistemas agrícolas constituídos através de séculos, especialmente pelos agricultores familiares. Da mesma forma, a aceleração do êxodo rural e a perda das terras por parte de um grande número de pequenos agricultores fazem parte deste contexto.

Apesar desta constatação, nota-se que grande parte dos beneficiados pelo processo de reforma agrária, reproduz dentro dos assentamentos as mesmas práticas (seja em termos de técnicas ou de organização) características do sistema produtivo que foi responsável pela sua expulsão do meio rural. Diante disto, surge um questionamento: que fatores influenciam na opção dos assentados por um determinado padrão produtivo?

Para avaliar tal questão, considerada fundamental na compreensão e avanço da reforma agrária, desenvolveu-se a presente pesquisa no Projeto de Assentamento Domingos Carvalho, município de Rio Negrinho/SC. Este assentamento, criado em 1998, é constituído por 33 famílias. A pesquisa de campo foi realizada nos meses de julho e agosto de 2001, através de entrevistas semi-estruturadas com agricultores assentados, técnicos do Incra e outras entidades envolvidas com o assentamento (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Associação de Recuperação do Meio Ambiente, Instituto Cepa), além da observação participante.

Procurou-se analisar os principais fatores internos e externos ao assentamento, que pudessem ser relacionados às opções produtivas feitas pelos assentados. Dentre esses, destacam-se a influência exercida pelo Incra, MST, o mercado, o Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA), as formas de organização no assentamento, a trajetória de vida dos assentados e os seus projetos de vida e perspectivas de futuro.

A análise preliminar dos dados nos faz acreditar que, apesar da suposta *ruptura* representada pelo processo de assentamento e das *descontinuidades* oriundas desta, existe uma tendência acentuada de, num primeiro momento, reproduzir dentro do assentamento as

---

<sup>1</sup> Engº agrônomo, mestrando em Agroecossistemas/UFSC. E-mail: [giehl@cca.ufsc.br](mailto:giehl@cca.ufsc.br).

<sup>2</sup> Engº Agrº, Msc., PhD em Desenvolvimento Sustentável e Agroecologia. Técnico da Epagri, professor adjunto da UFSC. E-mail: [eros@epagri.rct-sc.br](mailto:eros@epagri.rct-sc.br)

mesmas práticas do modelo convencional, comuns ao cotidiano de grande parte dos agricultores antes deles ingressarem na luta pela terra (*continuidades*). Isto pode ser melhor compreendido se encararmos o assentado como uma categoria *em construção*. Essa nova abordagem pressupõe um *processo*, ao invés de uma *ruptura* drástica, uma vez que a simples ocupação de um espaço físico (o assentamento), por mais emblemática e carregada de simbologismos que possa ser, não faz com que as características peculiares ao modelo convencional, forjadas nos agricultores por meio de um extenso e meticuloso processo, desapareçam de um momento para o outro. Essa incorporação de novas idéias e valores ocorre de forma gradual e diferenciada, de acordo principalmente com a trajetória de vida e a relação com o Movimento Sem Terra (o que pode ser comprovado, por exemplo, pelo grau de identificação dos membros do grupo coletivo do P.A. Domingos Carvalho com o MST e a incorporação de valores próprios à este).

Apesar destas diferenciações, o que se percebe é que grande parte dos assentados expressam o desejo de alcançar um padrão produtivo menos agressivo ao meio, apresentando níveis variados de evolução dentro desta proposta. As maiores dificuldades destacadas por eles para atingir tal objetivo, são a falta de conhecimentos agroambientais adequados acerca deste novo espaço que passam a ocupar e a lentidão com que se realiza o processo de transição do padrão convencional para uma agricultura que não utilize insumos químicos (quando comparado ao pouco tempo de ocupação da área). A ausência de uma identidade sociocultural e uma história de interação com este novo agroecossistema que estão ocupando e do qual passam a fazer parte (haja visto que, embora a maioria dos assentados tenha origem nesta mesma região, o assentamento apresenta algumas especificidades em termos microclimáticos, edáficos, de cobertura vegetal e, principalmente, em termos organizacionais, que fazem com que ele se difira dos agroecossistemas integrados por eles antes) é responsável pela ocorrência do que podemos chamar de *estranhamento* (Santos, 1994). Isso reforça a importância da presença de um agente que cumpra o papel de animação e orientação das iniciativas dos assentados, melhor representado na figura da assistência técnica. Contudo, a inexistência de assistência ou a inadequação desta aos interesses dos assentados trazem grandes dificuldades a esse processo de transição almejado.

Também as expectativas geradas pela possibilidade de maior rentabilidade por meio da ocupação de um nicho de mercado (a produção de hortaliças orgânicas), foram responsáveis pelo "trancamento" do processo, pois, uma vez que as promessas iniciais não se confirmaram, muitos assentados, desiludidos, decidiram retornar às práticas agrícolas convencionais anteriores.